

## Perspectivas da pesquisa em artes

ELZA AJZENBERG

•• O Congresso "Perspectivas das Artes", organizado pela ABPA — Associação Brasileira de Pesquisadores em Artes —, desenvolverá seus trabalhos no período de hoje, 23, ao dia 26, na Cidade Universitária. Contará, na sua abertura, com a presença do secretário de Ciência e Tecnologia, professor José Goldemberg, cuja palestra terá como tema as "Perspectivas da Pesquisa". O evento tem por finalidade congregar pesquisadores das diversas áreas artísticas para refletirem e debaterem os temas: "O Ensino das Artes na Universidade", "A Problemática do Contemporâneo", "Balanço dos Anos 80" e "Perspectivas para os Anos 90".

O encontro procura direcionar as reflexões para o encontro de situações concretas — aquilatando o que ocorre nos aspectos teóricos e produtivos, como a formação do pesquisador e as condições em que a pesquisa e sua divulgação são feitas. Objetivava-se também apontar perspectivas e parâmetros para o desenvolvimento artístico.

As questões básicas apontadas para as discussões convergem para a necessidade de assegurar maior espaço para interações e manifestações artísticas. O que significa não apenas traçar um perfil ideal do pesquisador, mas chamar a atenção sobre o seu potencial e os problemas que solapam o campo artístico, como os desvios provocados pela marginalização e o corporativismo.

É premente assinalar que a marginalização da pesquisa artística acarreta ônus grave em relação à sociedade. A cultura em geral, a vida acadêmica e a arte em particular, sofreram muito durante o regime autoritário. A reflexão e a produção sistematizadas, que se ocuparam com o aperfeiçoamento e o bem-estar social, não tiveram espaço. Os incentivos, públicos ou particulares, e bolsas de estudo não foram priorizados. A Lei Sarney, que chegou a estimular algumas empresas a colaborarem com projetos e eventos artísticos, acabou sendo utilizada em grandes

ções solitárias, muitas vezes sofridas; mas o seu objetivo não é apenas uma satisfação pessoal (ou só para iniciados). Historicamente, a vida dramatúrgica tem demonstrado que a mensagem circula num contexto maior. Com sabedoria, culturas clássicas organizaram as suas produções sob forma de verdadeiros rituais, acompanhados por toda a comunidade. Ao mesmo tempo aprofundaram conhecimentos de suas raízes, definiram dramas e valores que as envolviam. Todo esse contexto não escapou ao julgamento, muitas vezes severo, dos valores que elas próprias determinaram. Não seria o momento de serem recuperadas estas lições, reexaminando-as e adaptando-as aos dias atuais?

A pesquisa não se desenvolve apenas na vida acadêmica. Na realidade esse é o lugar, o "laboratório ideal". Mas a motivação daqueles que se dedicam à arte deve caminhar no sentido e alcance da investigação sistematizada. A história está repleta de exemplos, de como povos ou esforços individuais de estudiosos e artistas caminham nessa direção. Personalidades como Van Gogh, Cézanne (ou para quem teve oportunidade de ver, Bispo do Rosário, exposto no MAC/USP), desenvolveram suas obras fora das academias e estas lhes dedicaram e continuam a dedicar teses, ensaios e publicações sobre as suas experiências.

"Arte também é ciência", foi a resposta dada pelo professor José Goldemberg a um pedido de valorização das atividades artísticas, em recente encontro organizado pela SBPC. Além de esclarecer as dotações de verba para o campo científico, uma vez mais, reforçou o seu interesse pelo desenvolvimento das artes, enfatizando a equivalência entre a investigação científica e a artística. De fato, o secretário retoma um eixo importante ligado à história da pesquisa. A investigação artística no Brasil já possui acervo significativo, tratado por personalidades exemplares, que se esforçaram por traçar paralelos entre várias experiências científicas e a estética. No nascimento

geral, a vida acadêmica e a arte em particular, sofreram muito durante o regime autoritário. A reflexão e a produção sistematizadas, que se ocuparam com o aperfeiçoamento e o bem-estar social, não tiveram espaço. Os incentivos, públicos ou particulares, e bolsas de estudo não foram priorizados. A Lei Sarney, que chegou a estimular algumas empresas a colaborarem com projetos e eventos artísticos, acabou sendo utilizada em grandes shows, com propósitos discutíveis quanto ao seu real retorno cultural. O momento atual aguarda nova legislação fiscal, que apóie as atividades culturais e associativas, sem fins lucrativos, com retornos plausíveis ao país.

Outro problema pautado versa substituir atitudes corporativistas, ou a "ação entre amigos", pela organização de espaços associativos mais democráticos e de estrutura e condições de pesquisa renovadas. Na base deste problema está a necessidade de elaborar um quadro avaliativo com critérios mais transparentes da pesquisa. Redimensionar este ponto significa pensar em trabalho de profissionais habilitados, em qualificar com objetividade o mérito, a extensão e o retorno prático de uma investigação.

Estabelecer critérios avaliativos no campo artístico é complexo. Todavia, existem parâmetros históricos que subsidiam o sentido, os desdobramentos da eficácia artística e o envolvimento social. Uma obra teatral, por exemplo, nasce da vocação e dedica-

ra o campo científico, uma vez mais, reforçou o seu interesse pelo desenvolvimento das artes, enfatizando a equivalência entre a investigação científica e a artística. De fato, o secretário retoma um eixo importante ligado à história da pesquisa. A investigação artística no Brasil já possui acervo significativo, tratado por personalidades exemplares, que se esforçaram por traçar paralelos entre várias experiências científicas e a estética. No nascimento da USP, por exemplo, Roger Bastide ajudou a estabelecer pontes históricas entre a Sociologia e a Arte. Mais tarde, pesquisadores como Mário Schemberg passam a abrir horizontes e paralelos na reflexão arte/ciência.

Estas experiências podem motivar novas perspectivas para os anos 90 desencadeando maior intercâmbio entre o artístico/científico nos caminhos da pesquisa. Está-se diante de vários campos do conhecimento que atingem problemas complexos de difícil conceituação.

Para os que acompanham os efeitos da informatização, é temerário prever um divórcio entre as investigações e as redefinições que ocorrerão em todos os campos, estabelecendo pontes entre as áreas, as linguagens e os seus suportes. Provavelmente, as discussões que estão ocorrendo sobre a contemporaneidade motivarão os pesquisadores a voltarem-se mais para a síntese do que para a análise. Desse modo, pode-se prever interações maiores entre várias ciências e artes, intercambiando modelos, conhecimentos e criatividade. 99